O ACADEMICO

REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

NUMERO 4 — 1 ANNO

A REFORMA
DO
MARQUEZ DE POMBAL

V

Tudo se colligava n'esta questão fundamental. A intelligencia do paiz estava acorrentada com tres cadeias principaes: monopolio do ensino pela companhia de Jesus, falta de leitura, e impossibilidade de se communicar o pensamento pelas difficuldades da impressão. A emancipação do ensino fôra já uma conquista feliz, como temos visto, mas faltava ainda muito. O estado das cousas era este: nenhum livro estrangeiro podia correr, *nem sequer ser possuido* pelos particulares, sem licença prévia dos delegados da inquisição, sob pena de castigo pelo tribunal do santo officio; nenhum livro nacional podia ser publicado sem a approvação de tres instancias successivas, censura de estado, censura do prelado diocesano, e, superior a estas, censura da inquisição. O mesmo tribunal punia severamente as transgressões. Só nas censuras levava tres annos cada livro, mesmo dos immaculados, para vêr a luz.

No intento de sair d'este misero estado, duas reformas notaveis vieram dar largas á possibilidade da leitura e á publicação do pensamento.

Foi a primeira, a substituição das tres censuras por uma só, onde o elemento religioso estava representado, mas onde predominava o elemento secular, era o *tribunal regio da censura*.

A outra reforma igualmente importante, e completando a primeira, foi a creação da impressão regia, encorporando-se-lhe uma officina de fundição de typos, a qual vinha facilitar o desenvolvimento das imprensas particulares. O pensamento já liberto de uma censura que o tornava quasi impossivel, correu a multiplicar-se. Da impressão regia principalmente começaram a sair edições nitidas e algumas magnificas, hombreando com as mais bem acabadas dos prelos estrangeiros. É digna de se notar a idéa que presidia ás instrucções dadas á impressão regia no diploma que a fundou, consistindo em que a administração facilitasse *pela barateza dos preços* a concorrencia dos escriptores. «Não tenha a imprensa em attenção (dizia o diploma regio) os grandes interesses, poisque o fim do novo estabelecimento é o de animar as lettras e de levantar uma impressão util ao publico pelas suas producções.» Assim viu-se logo apparecer a cohorte, ao principio limitada, mas successivamente crescente dos escriptores politicos, sociaes, scientificos e litterarios, cujas obras, nascidas dos incentivos que o reformador lhes dava, vieram derramar a luz sobre os espiritos.

Para o estudo das linguas antigas e modernas publicaram-se desde logo diccionarios, grammaticas, tentativas, noticias de auctores patrios, como Fonseca, Jeronymo Soares Barbosa, Lobato, Figueiredo, e outros. Reimprimiram-se os nossos antigos prosadores e poetas, quasi esquecidos, assim como traducções das obras mais notaveis.

Ao movimento da capital, coração do paiz, fez echo o movimento de Coimbra, intelligencia d'elle. Fôra tambem creada pelo marquez de Pombal, junto á universidade, a imprensa regia para diffundir as luzes. Além das obras dos novos lentes, como o compendio de theologia do dr. Encarnação, o de anatomia de Soares, os de Navarro, os de mathematica de Monteiro da Rocha e de Coelho da Maia, os de Martini e Fortuna, os de philosophia de Soares Barbosa e de Brotero, os auctores nacionaes e estrangeiros de historia, de litteratura, de poesia. Passando assim por uma transformadora crise reabriam-se os espiritos. Triumphava praticamente sob a censura previa, mas simplificada e tolerante, o direito de pensar, de ler, de se manifestar, de estabelecer a controversia, de pertencer ao genero humano finalmente. O espaço que se percorreu em pouco tempo foi immenso. A poder de esforços e de faina trabalhavamos para nos approximarmos do grande navio que já lá ia desapparecendo pelo horisonte do progresso, e á boa direcção do piloto correspondia a intrepida marinhagem diligenciando reganhar o perdido. O marquez de Pombal, pondo em obra um systema completo, não dotava o paiz com a simples reforma nas instituições do ensino, rasgava-lhe de par em par a libertação do pensamento.

VI

Á luz de toda a regeneração das lettras, o que levou em vista o marquez com a organisação da instrucção primaria?

Seria a simples servidão para as sciencias superiores, ou seria a instrucção primaria com vida propria e como instituição social? Quando a ideia attingisse a primeira hypothese unicamente marcaria já um passo notavel, pois que, tendo sido immensamente desenvolvidas e emancipadas a instrucção secundaria e a superior, o berço que se formava com a instrucção primaria não era para uma instrucção mesquinha, mas para uma instrucção larga e resuscitada pela ideia nova que vinha estabelecer na existencia da sociedade portugueza uma vida de principios renovadores. As sciencias positivas e naturaes, as lettras, a facil communicação do pensamento, a imprensa, a polemica iam

indirectamente generalisar mais a instrucção primaria por concorrerem para o derramamento de todas aquellas manifestações que tinham tanta influencia sobre a nova organisação social.

Mas não se limitou a este progresso indirecto a idéa do marquez. A organisação da instrucção primaria anteviu o segredo do nosso seculo: O marquez era legislador do futuro.

Pede-se-nos a prova plena? Vejam-a.

Leiam o preambulo da lei da instrucção primaria do seculo XVIII.

Ahi se vê a distincção que faz o reformador entre os individuos que se destinam ás sciencias superiores, e os *rusticos*, mostrando que *para estes* era sufficiente a instrucção primaria, e por isso devia ser concedida *ao maior numero de habitantes que a possibilidade permittisse, e que todos os cidadãos perante o ensino primario representavam as mãos e os braços do corpo humano.* Pela primeira vez caiu do alto do poder uma tal confissão, carta do direito popular, e pela primeira vez tambem se attendeu á generalidade do povo, fundando-se desde logo os centros onde concorressem o maior numero d'alumnos. Ahi está o que significava a philosophia da reforma do ensino popular na sua idéa mãe. Se nos recordar-mos de que os principios da instrucção religiosa, civil e social, foram mandados positivamente ensinar nas escolas, conheceremos que o elemento da educação geral completava o da instrucção.

Avaliada por estas considerações, a reforma da instrucção primaria do Maquez de Pombal não póde ser considerada simplesmente como providencia de administração, ia tocar na vida do paiz, era uma reforma social.

A reforma porém manifestou na sua especialidade a indole governativa do reformador. Vimos que a ideia predominante do marquez de Pombal era a regeração do povo enfeudada na auctoridade regia. Ahi está por que os concursos ficavam sujeitos ás corporações da instrucção, o ensino particular á auctorisação previa, a educação aos principios da politica do dia.

Golpeando-se a servidão do pensamento, outorgava-se a amplidão d'elle mas sujeito ao poder.

(Continua)

D. Antonio da Costa.

VOZ CONTRICTA

Perdoa-me, mulher! eu choro tanto
que quasi perde a luz o meu olhar!
se te não move a dor, mova-te o pranto;
não sejas insensivel como o mar.

De joelhos me tens; arrependi-me;
veio-me a velha fé com a contricção,
e eu deixo que te vingues do meu crime
dos teus braços fazendo uma prisão.

Deus tambem perdoou, tudo perdoa
se ha remorsos nos prantos e na dor,
e se o meu pranto até não te magoa,
commova-te sequer o meu amor.

Se valem muito arrufos d'um amante
que te ama muito e que só d'isso é reu,
tu podes castigar-me a todo o instante;
dizendo-me que és minha e que sou teu.

Felix d'Oliveira.

DA DIFFUSÃO DA POESIA PROVENÇAL

NAS

CORTES PENINSULARES

(continuado do 3.º numero pag. 18)

Da lucta dos pequenos estados christãos contra os arabes veio a feira das cruzadas prégadas contra os mouros de Hespanha e de Africa pelos trovadores provençaes; as invasões dos arabes andaluzianos haviam chegado ao sul da França de 715 a 1019, e muitas palavras arabes se conservaram nas canções dos trovadores. Aquelles que pertenciam á eschola poetica da Aquitania, como Guilherme IX, foram os primeiros a prégarem a cruzada fervorosa, e para exaltarem as multidões e os reis tinham um genero chamado *piezies* e *prezicanzas*.

Foi este um movel de communicação do gosto provençal á peninsula, que foi muito visitada por trovadores que affluiam á romagem de Santiago de Compostella, ou que vinham tomar parte na cruzada da Estremadura, ou que aportavam a Lisboa, na sua viagem para Jerusalem. Os casamentos dos principes produzindo relações e ligas de estados foram tambem um motivo de propagação; assim pelo casamento do fundador da monarchia portugueza com uma princeza italiana, iutruduzem-se em Portugal algumas instituições communaes, e muitos trovadores acompanham o sequito real. Pela fusão da Provença no condado de Barcelona, a eschola poetica de Aragão recebe uma mais directa communicação com os trovadores provençaes. O exercicio da poesia nos dialectos romanicos, que haviam persistido a travez do dominio arabe por effeito da incommunicabilidade do semita, fez com que estes dialectos fossem escriptos no tempo da desmembração politica, e por isso se differenciaram entre si. Por esses dialectos podemos estabelecer as caracteristicas que distinguem as differentes escholas trobadorescas da peninsula. São tres esses dialectos principaes, que se desenvolvem ou paralisam em consequencia de causas historicas conhecidas: a) o *Calatão*, que se subdivide no *Valenciano* e *Malhorquinho* e que pertencem á poesia trobadoresca da eschola de Barcelona ou de Aragão: b) o *Galleziano* ao qual pertence o *bable* apenas falado, o *gallego* que estacionou e o *portuguez* que progrediu,

e servindo essa lingua para a linguagem poetica da Galliza e de Portugal, de Leão e de Castella; c) o *Castelhano*, por effeito da sua tardia unificação politica, só teve o seu verdadeiro desenvolvimento litterario no seculo XV, e os seus monumentos poeticos teem um caracter epico, tradicional e popular, proveniente d'esta lingua não ser usada pela aristocracia nas imitações provençalescas. Ha portanto tres escholas poeticos bastante distinctas: a de *Aragão*, em que ao passo que a tradicção pura da Provença é commnnicada a Barcelona o genio arabe allia-se a esses artificios lyricos, por via das escholas secundarias de Valencia, de Murcia e das Baleares.

(Continúa)

THEOPHILO BRAGA.

ULTIMO DESEJO

Quando um dia eu tombar nos braços nus do outomno,
e a minh'alma dormir o derradeiro somno
nos ambitos azues dos paramos ditosos,
só quizera que tu, mulher estremecida,
disputando-me a Deus—me desses nova vida
com teus beijos febris, galvanicos, nervosos.

BAPTISTA COIMBRA.

O MATERIALISMO HODIERNO E O HOMEM

(CONCLUSÃO)

Ha n'isto uma cousa mui clara, é que os philosophos materialistas coroão-so de flores com o risco, como diz Horacio, de serem tidos e havidos como loucos:

Spargere flores
Incipiam, patiarque vel inconsultus habere.

A união da alma com o corpo, ou as relações da alma com o corpo são um facto irrefragavel. A natureza d'estas relações, o segredo d'esta união ser-nos-hão sempre desconhecidos; escaparão sempre ás investigações da sciencia.

A theoria materialista não o podendo explicar recorre á solução desesperada de negar a existencia de seres inextensos e indivisiveis; destróe o facto mas não o explica, porque destruir um facto não é explical-o. Porem o facto existe e é incomprehensivel, e a sua incomprehensibilidade não nos authorisa a sua negação; é pelo contrario a manifestação da condicionalidade e imperfeição da nossa intelligencia.

Porém o dilemma que eu submetto com confiança á dialectica leal dos defensores do systema materialista é o seguinte: Ou se admitte o facto da união ou relações da alma com o corpo, ou não; se se admitte podemos explicar os factos da vida espiritual; se não se admitte, tudo o que diz respeito á vida da alma será insoluvel e mysterioso.

E certamente: como explicar sem o facto das relações da alma com o corpo o pensamento incompativel com a solidez e extenção material? Como explicar a convicção intima da unidade e identidade da pessoa humana? E se estas se não explicam, como explicar a memoria, a operação intellectual da comparação, o facto universal do remorso e da satisfação da consciencia, os castigos e recompensas que o poder da sociedade impõe áquelles que transgridem ou observam as leis sociaes? Não admittindo um facto inexplicavel, somos pois levados necessariamente a admittir um grande numero d'elles.

Este systema é um desmentido permanente á consciencia universal do genero humano e ao senso intimo do individuo; é o cumulo do orgulho ou do delirio, e lança no mundo o germen pratico de consequencias desastrosas.

O homem não achando em si mais que sensações, o seu fim unico é tornal-as agradaveis.

A lei chimica do dever estando muitas vezes em contradicção com as sensações agradaveis, é mister destruir a idea de Deus, de quem deriva o dever.

As leis da sociedade não teem para o materialismo outro fundamento senão o interesse.

O facto ou o contracto social funda-se, para cada individuo, sobre um calculo de utilidade pessoal, sobre a ideia do augmento das sensações agradaveis. O logico por excellencia d'esta theoria foi Nero, incendiando Roma. Era para elle uma sensação agradavel ouvir os gritos dolorosos das victimas. O homem, no systema materialista, não é mais do que uma machina admiravel, obra prima d'arte.

O direito é a força; uma estupida resignação é o merito do fraco. Aqui não ha bem nem mal moral; tudo se dirige cega e fatalmente. A virtude... é o que conduz á satisfação de todos os prazeres.

O incendio de Roma, a corrupção de Sodoma, a voluptuosidade de Sardanapalo, o orgulho cruel dos Pharaós, os vicios do brilhante Alcibiades sempre prompto a sacrificar o mundo inteiro á sua propria grandeza, a impudicicia pagã, o culto de Millyta, sacrificando pelo menos uma vez na vida a honra de todas as mulheres á lascivia dos sacerdotes dos idolos, as revoluções pretonianas que arruinaram Roma, a rapacidade de Verres devastando as provincias, eis a virtude? Qual é o crime que mais encontra a sua apologia nesta doutrina? Qual é o Judas, o tyranno feliz, o assassino que lhe recuse a sua adhesão?

Parece-nos ter rapidamente apreciado o systema materialista no que ensina relativamente ao homem; se erramos, submettemo-nos agradecidamente á correção, porque o nosso fim é illustrar-nos, esclarecendo a verdade e não deturpando-a. Perguntar-nos-hão talvez se condemnamos absolutamente a theoria materialista.

A isto responderemos que pensamos com Leibnitz que todos os systemas são verdadeiros pelo que affirmam, e falsos pelo que negam. Toda a reacção em philosophia é um systema. O materialismo appareceu pro-

vocado pelos excessos do idealismo e como este tornou-se exclusivo. Á escóla eleatica oppôz-se a physical a Berkeley Condillac. Admittimos por tanto da doutrina materialista tudo aquillo que não é incompative, com o ensino d'uma philosophia espiritualista que pretende explicar os factos sem os destruir e anniquilar.

Santarem.

LUCIO SERRA.

ÁS DAMAS

Estavam já na egreja, satisfeitos,
radiantes de amor e de alegria,
— ella, uma deusa a rescender poesia,
— elle, um rapaz dos seus vinte annos feitos;

e ia o santo pastor a unir na estola
as mãos dos noivos... nisto o noivo altivo,
reparando, profere: «— ó pomba, ó rola,
virgem de cujos olhos fui captivo,

anjo de azas gentis, perola rara,
não mais te quero, ah! que feroz tormento!
maldito pó de arroz que tens na cara...»

(Assim ficou desfeito um casamento!)

Porto.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

A MULHER

O que é a mulher?... Um enigma... muita coisa até...

Todavia na vida ordinaria, revela-se-nos frequentemente como um ser interessante, encantador, que nos deleita e suavisa a ardua existencia; ente gracil, meigo, fragil, amavel e irresistivel, cuja fragrancia aspiramos avidamente, qual bafo salutar e vivificante do astro divino e luminoso, fazendo-nos esmaecer de noções estheticas.

Os attractivos e magia que a Natureza lhe prodigalizou com magnanimidade seduzem-nos beneficamente, e as suas graças physicas e moraes revestidas de um poder angelical, incutem-nos sensações d'enthusiasmo delirante, exercendo sobre nós um imperio insensivelmente fascinador, inebriante e attrahente, elevando-nos vagamente a regiões esplendorosas e umberrimas, no embalo das mais fagueiras illusões.

O seu olhar instila-nos ardentes promessas e o nosso amor proprio, lisonjeado por um leve e dôce sorriso, irrompe nos maiores devaneios.

A Phrenelogia accentuando o egoismo determina temporariamenie uma vassallagem ebria e invencivel nas nossas menores acções, imprimindo-lhes uma serie de preoccupações indefinidas, que subministram sensiveis perturbações ao nosso espirito.

E o nosso cerebro, afervorado pela ridente e provavel possessão de conquista, atassalha impacientemente todos os embaraços, commettendo puerilmente imprudencias sem numero, emquanto não despedaça a fatal pressão que o subjuga e domina.

A mulher toda amor e candura, por instincto affavel, obediente e submissa, promette-nos um horisonte de intimas affeições e alegre convivio, quando o espirito e a rasão nos convida e suggere a ideia de transpormos o templo do hymeneu convictos de antemão das virtudes e perfeitos dotes que caracterisam fulgurantemente essa preferencia predestinada, garantindo-nos assim as doçuras reaes da vida e da familia sobre os fundamentos inabalaveis de uma felicidade perenne e intemerata.

Porto.

J. MACHADO

Desalento

Vêdes a folha cortada
da mofina flor pendida,
sem frescor, emmurchecida.
pelo tufão arrastada?

Pois nós ambos, triste sorte,
anciamos com afago...
A folha — as aguas do lago,
eu — as negruras da morte.

Porto.

QUEBERTO LARO.

NOIVADO

AO MEU PARTICULAR AMIGO

Manoel d'Almeida Henriques

NO DIA DO SEU ENLACE COM A EX.ma SNR.a

D. JULIA D'ALMEIDA BANHA

No dia do hymeneu tudo são flores:
no céo limpido e bello estrellas mil;
no peito, com ancia, candidos amores;
na mente a imagem d'um porvir gentil.

Abraça-nos a fada sorridente
das brancas illusões! A felicidade
é brando arroio, fulgida torrente
que banha as flóreas plagas d'esta idade.

E' tudo um prado de virente esp'rança!
tudo um oceano de venturas mil!
placidas horas de ideal bonança!
manhã florida de um formoso abril!

.....

Eu vos saúdo! eu vos saúdo d'alma,
O' par ditoso que o Altar uniu!
Eu vos desejo toda a vida em calma!
— Como este dia, que feliz sorriu!

E a vossa estrada recamada em flores,
e as vossas flores de eternal matiz:
depois os fructos dos gentis amores,
e arvore e fructos tudo bem feliz!

Nunca a desdita vos enlucte os dias...
nunca a desgraça vos conheça, emfim!
— Vibrem as harpas de eternaes magias!
Noivado! eden! divinal jardim.

.....

Eu vos saúdo! eu vos saúdo d'alma,
O' par ditoso que o Altar uniu!
Eu vos desejo toda a vida em calma!
— Como este dia, que feliz surgiu!

Figueira.

C. NOVAES

A SENSAÇÃO DA FOME

Um facto que ninguem póde contestar, pois que a sua evidencia é manifesta, é que não ha combustão sem desenvolvimento de calor. Este calor transforma-se em movimento, propriedade aproveitada para a invenção das machinas a vapor.

Para que estas machinas satisfaçam o fim a que não destinadas necessitam, não só de material que alimentem no seu interior a combustão com o desenvolvimento de calor, que por sua vez se transforma em movimento, mas tambem que as suas partes constituintes trabalhem sem difficuldade, o que se consegue fazendo com que sejam previamente reparadas.

O organismo está nas mesmas circumstancias; isto é, póde ser comparado a uma machina, com a differença de que as suas partes constituintes são d'uma complicação extrema, e a estabilidade dos seus elementos anatomicos é nulla ou quasi nulla.

Em virtude d'isso, os physiologistas admittem uma usura continua dos orgãos e uma destruição constante dos seus elementos anatomicos, o que acarreta necessariamente modificações importantes na composição do sangue, augmentando-lhe pouco a pouco substancias inuteis e prejudiciaes á vida, e diminuindo-lhe notavelmente os principios reparadores dos tecidos.

D'estas modificações do liquido nutritivo se concebe que numerosas alterações deve experimentar o estado geral do organismo, e os centros nervosos devem soffrer a impressão do sangue empobrecido, impressão que se manifesta por meio de sensações particulares.

Estas sensações manifestam-se por symptomas particulares, que nos fazem conhecer o empobrecimento do sangue, resultante do exercicio regular dos orgãos.

Estas sensações teem o nome de fome e sêde.

Tanto uma como outra são por assim dizer, os guardas encarregados pela natureza de prevenir as necessidades do organismo.

Ponhamos de parte a segunda e occupemo-nos da primeira.

A maior parte dos physiologistas tem emitido variadas opiniões, com o fim de explicar a fome, e ao mesmo tempo localisando-a no estomago.

Dizem uns que *a fome se manifesta quando o estomago está vazio.* — Esta opinião caducou depois das observações que Beaumont fez n'um individuo que tinha uma fistula estomacal proveniente da má cicatrização d'uma ferida feita por uma arma de fogo. Atravez d'esta fistula o citado physiologista viu que o estomago se esvasiava algumas horas antes da fome se fazer sentir, e que esta sómente era experimentada depois que a digestão estomacal e intestinal estavam completamente acabadas. Além d'isto os herbivoros nunca deviam ter fome, visto que nunca teem o estamago vasio.

Outros evocaram *as contracções do estomago vasio, as quaes, comprimindo a mucosa, eram precebidas como impressão particular.* Mas, além de que uma compressão d'esta intensidade é impossivel no estomago vasio,

pois que a anatomia nos mostra que a massa muscular d'este orgão não é capaz de effectuar essa compressão, os movimentos do estomago vasio são raros e muito menos energicos do que durante a digestão; e quando o estomago está cheio de alimentos a compressão da mucosa é muito mais pronunciada.

Ainda outros attribuiram a fome á *compressão dos nervos sensiveis das paredes estomacaes*, produzida pela retracção do orgão vasio, e ao atritto das paredes do estomago vasio entre si, etc.

Á primeira d'estas hypotheses ha a objectar que as contracções do estomago para o fim da digestão são incomparavelmente mais fortes, e deviam comprimir com mais energia os nervos citados que a fraca retracção que se opera quando está vasio. Á segunda oppõe-se, que nada de semilhante existe nos animaes de estomago membranoso, e que, n'aquelles que o tem corneo, a trituração teem logar durante a digestão. Esta trituração não póde despertar sensação alguma, porque o tecido corneo que tapeta a cavidade estomacal é desprovida de nervos: e não é raro encontrar no estomago d'estes animaes pedras, vidros, etc., cuja presença não parece despertar sensação alguma desagradavel.

A apparição da fome no recem-nascido vem corroborar estes argumentos.

O estomago de feto não contem liquido algum; mesmo depois de vir á luz não se opera n'elle mudança alguma e não obstante, passado algum tempo, revella por meio dos seus vagidos e inquietação a necessidade de ingerir alimentos.

Que se passou n'elle para provocar esta manifestação d'uma sensação, que lhe era inteiramente desconhecida? Necessariamente percebeu o empobrecimento do sangue.

Os phenomenos da inanição fornecem-nos outros argumentos ainda contra a origem local da fome. O estomago, uma vez vasio, não muda mais de estado; a fome ao contrario torna-se cada vez mais intensa: portanto onde ir procurar a causa do exagero d'esta sensação a não ser na alteração progressiva do sangue, que affecta cada vez mais os centros nervosos?

Do que acabamos de expôr se vê que não é o estomago a séde da sensação da fome; porque se o fosse ver-nos-hiamos na necessidade d'ingerir alimentos de seis em seis horas, quando muito, tempo que o estomago leva a chegar á sua complecta vacuidade, depois da ingestão. Sabemos comtudo que o homem póde prolongar muito mais os intervallos das suas refeições, sem que a fóme se faça sentir, porque os alimentos são pouco a pouco apresentados aos orgãos para lhes satisfazerem as necessidades.

É certo que estando nós acostumados a comer a uma hora determinada, quando essa hora chega experimentamos uma sensação especial, que nos adverte da necessidade momentanea d'ingerir alimentos. Deixando passar essa hora a sensação desapparece para se revellar de novo mais tarde. D'isso se conclue que a sensação experimentada é apenas um habito adquirido pelo estomago. Foi isto certamente o que levou os physiologistas a localisar esta sensação no orgão a que nos referimos.

Finalmente, o que é a fóme? É uma sensação de necessidade referida ao instincto da conservação, por meio da qual o organismo experimenta a impressão do sangue empobrecido, e cuja séde real está no systema nervoso central.

ALFREDO DE MORAES.

PALLIDA MORS...

O mundo está já velho, e a Christandade thysica:
vae tudo desabar: — é uma lei historica: —
no seu throno de pó expira a Methaphysica!
Em seus fofos sermões extingue-se a Rhetorica!

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

CALENDARIO POSITIVISTA (1)

INTRODUCÇÃO: DO CALENDARIO EM GERAL

(CONTINUADO DO N.º 3)

Os dias são commummente grupados em colleções de septe, e deu-se ao conjuncto o nome de semana, cada dia é dividido em 24 partes eguaes, cada uma das quaes tem o nome de hora, cada hora é subdividida por seu turno em 60 partes iguaes, chamadas minutos e emfim cada minuto em 60 segundos. No anno formaram-se 12 grupos irregulares chamados mezes, uns de 30 dias, outros de 31 e um de 28 nos annos ordinarios e de 29 nos bissextos. Esta unidade *mez* nasceu do projecto de tomar as phases da lua como meio de medir o tempo; reconheceu-se, porém, que a duração d'uma phase não se ligava precisamente nem com a duração do dia nem com a do anno; e como a influencia da lua sobre as acções da vida individual ou da vida social é muito menos importante (se acaso alguma é) que a do sol, concordou-se, emfim, muito razoavelmente em regeitar como padrão de tempo a duração das lunações. Mas o vestigio do emprego temporariamente feito conserva-se no uso que muitos povos

(1) No numero anterior saiu involuntariamente = *Calendario positivo* = por — *Calendario positivista* — como agora corrigimos. Pedimos desculpa ao illustrado auctor do descuido typographico.

ainda fazem da unidade mez, grandesa irregular que só a força da tradição e do habito conserva. O primeiro, terceiro, quinto, septimo, oitavo, decimo e duodecimo mez teem 31 dias; o quarto, sexto, nono e undecimo teem 30; finalmente o segundo tem ora 28 nos annos ordinarios, ora 29 nos bissextos.

Esta denominação de bissexto provem até do modo como se fez entre os Romanos este accrescentamento de um dia, e que não é o mesmo que depois e hoje se segue.

Elles intercalaram esse dia addicional entre os dias 23 e 24 do segundo mez; e como denominaram o segundo d'estes dias *sexto calendas*, isto é, o sexto dia antes das calendas ou do primeiro dia de março, passaram a chamar ao dia intercalado *bis-sexto calendas*. D'ahi o nome de bissexto dado ao anno de mais um dia que a conta ordinaria; mas este addicionamento é hoje feito no segundo mez tambem, porém em seguida ao dia 28 d'elle.

Os annos grupam-se em collecções de cem, formando-se assim uma outra unidade convencional. Finalmente a origem do computo dos tempos tem tido muitas variações, e é hoje para os povos aryanos a epoca do nascimento de Christo. Infelizmente succedeu que ao determinar-se o momento preciso d'este acontecimento, tempo depois d'elle se haver realisado, se commetteu um erro de 4 annos d'atrazo; o que faz com que a era de Christo não represente realmente o que o seu nome indica. O habito adquirido prevaleceu; o erro tem continuado e continua. Faz-se começar o primeiro anno d'esta era sete dias depois do dia em que se suppõe ter caido o nascimento de Christo; e fica assim determinado o principio de todos os annos seguintes, o qual actualmente corresponde a posição da terra mais proxima do sol. Não é invariavel a posição da orbita terreste; reconheceu-se que o eixo maior d'essa orbita se desloca com um movimento continuo em torno das linhas dos equinoxios, de modo que o perigeo, a extremidade do eixo maior que menos dista do sol, se vai approximando actualmente do equinoxio da primavera, a razão de pouco mais de 61 segundos (61, 96) por anno.

Dissemos no principio d'este artigo que se dava o nome de calendario ao systema de medição do tempo, e exporemos esse systema. Tambem se denomina calendario o quadro ordenado das divisões d'um certo prazo de tempo, ordinariamente um anno. Nos quadros d'esta especie de que fazem uso muitos povos, a flôr do genero humano, actualmente encontram-se apontadas umas certas datas, variaveis de anno para anno, que são relativas a acontecimentos notaveis para o christianismo.

A determinação d'estas datas não tem realmente nada com os phenomenos naturaes, posto que a intenção dos instituidores de taes commemorações fosse ligal-as a phases de determinadas luas; é o resultado d'uma pura convenção perfeitamente definida.

D'esta convenção tirou o mathematico allemão Gauss um processo puramente arithmetico para determinar o dia em que cairá a paschoa d'um anno qualquer, e que é o modo mais simples e rapido que se conhece de alcançar este resultado.

Vamos indical-o:

Divida-se por 19 o numero d'ordem do anno e tome-se nota do resto d'esta divisão, que denominaremos primeiro resto. Divida-se tambem successivamente por 4 e por 7 o mesmo numero d'ordem do anno, e tome-se egualmente nota dos restos d'estas divisões, os quaes designaremos por segundo e terceiro. Sommemos depois 23 com o producto de 19 pelo primeiro resto, e dividamos a somma por 30; tomemos nota do resto d'esta nova divisão, que designaremos com o nome de quarto resto. Emfim sommemos quatro com o dobro do segundo resto com o quadruplo do terceiro e com o sextuplo do quarto, e dividamos por 7 o resultado.

Notemos o resto d'esta divisão; indiquemol-o com a designação de quinto resto.

O dia de paschoa será tantos dias depois de 22 de março quantos forem as unidades da somma do quarto com o quinto resto. Com uma unica excepção: se o quarto resto fosse 29 e o quinto 6, o dia de paschoa não seria a 26 d'abril, mas 7 dias antes, isto é, a 19.

Esta regra serve para os annos que vão desde 1800 até 1899. Para os annos comprehendidos entre outros periodos, é preciso substituir os numeros 23 e 4 por outros.

Achado o dia de paschoa, que é sempre um domingo, pode-se determinar por elle as datas das outras festas moveis, pois que:

O domingo da quadragesima, ou o primeiro domingo de quaresma é o sexto domingo antes da paschoa.

A quarta feira que precede o domingo da quadragesima é a *cinza*; o domingo immediatamente anterior á cinza é o *domingo da quinquagesima* ou o *domingo gordo*. Trinta e nove dias depois da paschoa é a quinta feira da Ascenção.

O septimo domingo depois da paschoa é o de Pentecostes ou o do Espirito Santo. O domingo seguinte ao de Pentecostes é o da SS.ma Trindade, e a quinta feira seguinte á Trindade é o dia do Corpo de Deus, que vem portanto a ser 60 dias depois da paschoa.

Como exemplos d'applicação d'este processo vamos encontrar a data das festas moveis do actual anno de 1878 e do seguinte.

Dividindo 1878 por 19,4 e 7 achamos respectivamente para restos 16,2 e 2. Dividindo por 30 a somma de 23 com 19 vezes o primeiro resto 16, acha-se para resto 27. Tal é o quarto resto. Sommando o dobro do segundo resto com o quadruplo do terceiro, com o sextuplo do quarto e emfim com o numero 4, e dividindo por 7 o resultado (que é 192) obtem-se de resto 3. Este é o quinto resto.

A paschoa cairá pois 27 dias e mais 3, isto é, 30 dias depois de 22 de março, o que dá para ser dia 21 d'abril.

Os dias das outras festas são portanto:

O domingo da quadragessima a 10 de março; a quarta feira de cinza a 6 de março; a quinta feira da Ascenção a 30 de maio; o Espirito Santo a 9 de junho; a Trindade a 16 e o corpo de Deus a 20 de junho. Isto é para o anno de 1878.

Agora para o anno de 1879.

Em relação a este numero os restos das divisões são successivamente 17,9,3,16 e 6. A Paschoa cairá por consequencia 22 dias depois de março, isto é de 22 a 13 d'abril. A Cinza será a 26 de fevereiro; o Espirito Santo a 1 de junho e emfim o Corpo de Deus a 12 de junho.

(*Continúa*)

MOREIRA DE SOUSA.

O PRESBYTERIO DE VILLA-COVA

I

(CONTINUADO DE PAG. 23)

Villa-Cova-de-Carros fica situada, a uns 4 kilometros de Paredes, perto de montes e pinhaes, mas ao mesmo tempo rodeada de bellas campinas ferteis em variados fructos, como vinho, azeite, pão, etc., etc.

A pouca distancia d'esta terra ha povoações mais ou menos importantes e notaveis.

Entram n'este numero, por ex.:

Penafiel, cidade e cabeça de comarca; —*Louzada*, villa capital do concelho do mesmo nome; — *Paço-de-Souza*, patria do inclito Egas-Moniz que ahi jaz n'uma capella e em cujo tumulo se vê toscamente memorado o grande e conhecido acto de abnegação que nobilita o aio de Affonso I e os costumes portuguezes do seculo XII; — *Paços-de-Ferreira*, antigo *couto* e actual cabeça do concelho; — *Aguiar de Souza*, celebre principalmente por em tempos antigos ter ahi ao pé existido um castello, e tambem por junto ao rio *Souza*, estar a *Capella-da-Senhora-do-Salto* (a esta capella anda annexa uma *lenda piedosa*, que o distincto Poeta e Professor do lyceu do Porto, o snr. Augusto Luso, cantou numa das composições do original e apreciavel livro — *Impressões da Natureza*); —*Baltar*, antiga villa e *honra*: segundo um documento da Camara do Porto *(cit. no vol. I do Port. Ant. e Mod.)* foi esta povoação dada com Paço e Penafiel por D. João I, em 1386, a João Rodrigues Pereira, como recompensa de serviços; — *Louredo*, freguezia muito antiga: diz o snr. Pinho Leal *(obr. cit.)* que foi villa, *beetria* e ao depois *honra* que D. Affonso IV, pelo anno de 1340, concedeu a D. Leonor Furtado; — *Paredes*, capital do concelho a que Villa-Cova pertence. —

Noutras povoações egualmente illustres e memoraveis poderia aqui fallar se quizesse tornar demasiado extenso o presente escripto. —

O orago da freguezia de Villa-Cova é S. João Evangelista; a egreja é pequena, acanhada, e consta apenas de tres altares.

A serie dos abbades desde 1794 a 1878, anno corrente, é (como se vê dos respectivos livros de assentos) a que se segue:

1.º — João Joaquim Rodrigues de Paiva;
2.º — Luiz Antonio Pacheco Barreiro;
3.º — Celestino de Moraes e Meirelles:
4.º — João Baptista Montes;
5.º — João Rodrigues da Cunha;
6.º — Luiz Baptista Montes;
7.º — Joaquim Coelho da Rocha;
8.º — Francisco Xavier Coelho de Abreu;
9.º — José Joaquim Leite Bragança;
10.º — Bernardino José Pinto de Barros;
11.º — Adriano Leite Cardoso Pereira de Mello.

A freguezia compõe-se sómente da povoação de Villa-Cova: sob esta designação porém abrangem-se dezeseis logarejos; de modo que não ha, propriamente fallando, nenhum logar chamado assim.

Eis os nomes dos 16 logarejos:

Egreja, Cruz, Cimo de Villa, Villameã, Outeiro, Carvalheira, Seixo, Corujeira, Ribeiro, Granjão, Granja, Olho de Mouro, Formentãos, Quinta, Cavadinha e Herdeiro.

Não nos deteremos a fallar particularmente de cada um d'elles: insistiremos apenas sobre a etymologia do nome de alguns.

— *Curujeira.* — Esta palavra é antiga em nossa lingua e significa povoação reles, pardieiro, sitio escabroso, só proprio para crear curujas.

Granja, (grancha), Granjão. — Granjas, como dizem Viterbo e Pinho-Leal, não foram mais que insignificantes *courellas, quintilhas*, qualquer propriedade pequena que constava só de casas. Ha em Portugal varias povoações com a designação de Granja e Granjão, como; Granja-do-Thedo, Granja-Nova (povoações da Beira-Alta,) Granjão (antiga quinta pertencente aos frades bernardos de S. João de Tarouca, concelho de Mondim da Beira), etc. —

— *Formentãos.* — Esta palavra é evidentemente corrupção de *foramentãos*. Sobre o que *foramentãos* significava, ouçamos Viterbo; «—Deu-se este nome aos emphyteutas, colonos ou caseiros que pagavam ao direito senhorio, como parte da pensão, o *foro da montaria* ou *foro do monte.*—» — E mais abaixo diz: «— com o rodar dos annos chegaram a ser povoações alguns d'aquelles casaes, que pagavam *foro do monte*, e os nomes de *Foramondãos*, *Foramentãos* e *Fermontões*, que hoje conservam, dão testemunho do foro que antigamente pagavam.—» O foro do monte consistia algumas vezes só na obrigação «... de correrem os montes com armas e cães na companhia do mesmo senhorio ou seu mordomo.—» (*Elucidario*, verbo *Foramontãos*).

Olho de mouro. — Disse-me um velho da freguezia de Villa-Cova que este nome traz a sua etymologia dos *mouros*, porque no sitio ora assim chamado existe um buraco profundissimo que data do tempo da dominação musulmana. D'ahi *olho de mouro.*

D'estes quatro logaretos fica pois esquadrinhada a etymologia; a dos outros é menos importante, e tambem facil de conhecer.

Passemos agora ao nome geral da povoação.

(Continúa)

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

N'UM BAILLE

(IMPROVISO)

Aqui é tudo festa, aqui é tudo ardencia:
Mentidas illusões, fantasticos amores;
Nas rendas de Lyão mergulha-se a consciencia:
A valsa é um volcão que cresta muitas flores.

Porto.

XAVIER DE CARVALHO.

Porto: 1878—Typ. Commercio e Industria, rua do Corpo da Guarda, 29.